

**POR UMA ABORDAGEM DE CONSTRUÇÕES COMPLEXAS
EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL**

FOR AN APPROACH OF COMPLEX CONSTRUCTIONS
IN CONSTRUCTIONAL PERSPECTIVE

Sebastião Carlos Leite Gonçalves | CNPq | [Lattes](#) | sebastiao.goncalves@unesp.br
Universidade Estadual Paulista | Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Táisa Peres de Oliveira | [Lattes](#) | taisapoliveira@gmail.com
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: A construção como pareamento simbólico de forma e sentido é entidade teórica que representa um esquema abstrato capaz de reunir semelhanças entre construções de mesma natureza. Sob a perspectiva dos *Modelos Baseados no Uso*, a Gramática de Construções tem servido mais à exploração da estrutura argumental de construções simples. Pouca atenção tem sido dispensada a construções complexas. Neste artigo, focalizamos dois processos de combinação de orações, tratando-os dentro de dois esquemas construcionais que organizam redes hierárquicas por relações de herança múltiplas: (i) [[[CONNECT(ivo)] ORAÇÃO₁] ORAÇÃO₂]; (ii) [[ARG(umento)] [PRED(icado)]]. Procuramos mostrar que o primeiro esquema pode abrigar microconstruções adverbiais diversas, enquanto o segundo dá conta do arranjo de construções argumentais complexas de natureza argumental variada. Argumentamos que a organização dos esquemas está baseada na analogização, que envolve a extração de propriedades formais/funcionais de uma fonte que se reforçam mutuamente, propiciando a emergência de novos esquemas construcionais e novas representações abstratas. Considerando que a extração de propriedades é um processo contínuo, assumimos que as redes estão em constante mudança e reconfiguração. Evidenciamos, assim, a adequação da abordagem construcional para o tratamento também de construções complexas.

Palavras-chave: Modelos Baseados no Uso. Gramática de Construções. Redes de herança. Construções adverbiais. Construções encaixadas.

Abstract: Construction, as a symbolic pairing of form and meaning, is a theoretical entity that represents an abstract scheme capable of bringing together similarities between constructions of the same nature. From the perspective of Usage-Based Models, the Construction Grammar has served more to explore the argument structure of simple constructions. Little attention has been paid to complex constructions. In this article, we focus two processes of clause combination, treating them within two constructional schemes that organize hierarchical networks by multiple inheritance relationships: (i) [[[CONNECT(ive)] CLAUSE_i] CLAUSE_j]; (ii) [[ARG (ument)] [PRED (icate)]]. We seek to show that the first scheme can include diverse adverbial microconstructions, while the second one deals with the arrangement of complex argument constructions of varied argument nature. We argue that schema organization is based on analogization, which involves the extraction of formal / functional properties from a mutually reinforcing source, enabling the emergence of new constructional schemas and new abstract representations. Since property extraction is a continuous process, we assume that networks are constantly changing and reconfiguring. Thus, we highlight the appropriateness of the constructional approach to the treatment of complex constructions as well.

Keywords: Usage-Based Models. Construction Grammar. Inheritance networks. Adverbial constructions. Embedded clauses.

1 Situando o problema

O processo de combinação de orações tem sido bastante explorado em modelos funcionalistas variados, como o da Gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), o da *RST* – Teoria da Estrutura Retórica (MANN; THOMPSON, 1988), o da Gramática Sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1985), dentre outros, seja para explicação da natureza do seu funcionamento, seja para construção de propostas taxonômicas. São muitos os exemplos de trabalhos que voltam sua atenção para o modo como orações podem se combinar dentro de um complexo oracional mais amplo (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988; NEVES; BRAGA, 1998; TABOADA, 2004; ANTONIO, 2004; THOMPSON; LONGACRE, 2007, dentre outros). O ponto de partida desses trabalhos é o estudo seminal de Halliday (1985), que distingue as noções de *hipotaxe* e de *encaixamento*. Tratando as orações complexas dentro de um sistema de interdependência, o autor propõe que, embora a hipotaxe atue para modificar o sentido de um núcleo, ancorando-lhe informação suplementar, ela não pode ser considerada parte da estrutura nuclear. Não é o caso

do encaixamento, em que uma oração subordinada é parte da estrutura argumental do predicado de uma oração nuclear. É partindo desse referencial que propomos este artigo.

Considerando que orações complexas são motivadas por processos distintos, nosso objetivo primeiro, no exame realizado aqui, é o de mostrar como se aplica a noção de redes conceituais no tratamento de orações complexas, segundo a proposta da abordagem construcional dos *Modelos Baseados no Uso* (BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; GOLDBERG, 1995, 2006). Esse objetivo é, portanto, de alcance bastante amplo, porque pretendemos demonstrar de que modo diferenças entre tipos variados de orações adverbiais e de orações argumentais podem ser capturadas numa análise em rede, evidenciando a natureza distinta dessas orações outrora tratadas sob o mesmo rótulo de “subordinadas”. Então, claro fique que nossa preocupação não contempla análise pormenorizada de um ou outro tipo específico de oração.

Como Modelo Baseado no Uso, a Gramática de Construções tem servido à exploração de construções simples, como de auxiliarização, de transitividade e de estrutura argumental simples (GOLDBERG, 1995, 2003; FURTADO DA CUNHA; CHAVES, 2019). Nota-se, portanto, grande enfoque ora na relação de dependência entre palavras ora na relação entre dependência e categorização, com pouca atenção ainda para complexos oracionais mais amplos e suas partes constitutivas, os quais só muito recentemente vêm sendo investigados na consideração de tipos específicos de construções complexas. Citem-se a título de exemplo, o trabalho de Bispo (2018), sobre construções relativas, o de Rosário e Campos (2019), sobre construções correlativas, os de Oliveira (2019a, 2019b) e Oliveira e Hirata-Vale (2017), sobre construções condicionais, e o de Gonçalves (2016, 2018a, 2018b), sobre construções argumentais complexas. Mais comum, sob a abordagem construcional, tem sido o enfoque dado à formação de conectivos oracionais específicos, o que nem sempre leva em consideração as construções conectadas, mas somente a relação semântica instanciada entre elas, via conectivo (CEZÁRIO et al., 2015; OLIVEIRA, 2019a, 2019b). Falta, portanto, uma proposta que procure unificar, tanto quanto possível, o maior número de tipos de construções complexas.

Diante desse quadro, neste artigo, voltamos nossa atenção a construções que se articulam dentro de um complexo oracional mais amplo, tratando de dois padrões construcionais diferentes: um que se realiza em contextos de construções adverbiais complexas, outro, em contextos de construções argumentais complexas, conforme exemplificam, respectivamente, as ocorrências em (1) e em (2), nas quais destacamos as construções alvos de nossa análise.¹

¹ Ao final das ocorrências, indicamos, entre parênteses, a fonte de onde ela foi extraída. São mantidos os códigos atribuídos pelos organizadores dos *corpora*, no caso *O Corpus do Português* e o *Banco de dados Iboruna*.

- (1) Construções adverbiais complexas
- a. Os comerciantes estão pagando para policiais civis e militares darem segurança às suas lojas **quando eles estão de folga**. (*Corpus do Português*: 19Or:Br:Intrv:Com)
 - b. **Caso o senhor recebesse o convite para assumir a Secretaria de Segurança Pública**, aceitaria? (*Corpus do Português*: 19Or:Br:Intrv:Pov)
 - c. Esta semana foi de exceção, **dado que o corte das taxas directoras por parte do Banco de Portugal permitiu uma maior descida das taxas de mercado nacionais**. (*Corpus do Português*: 19N:Pt:Expr)
 - d. **Ainda que tivesse ocorrido esse boom mineiro**, não houve deslocamento para o Sul. (*Corpus do Português*: 19Or:Br:Intrv:ISP)

- (2) Construções argumentais complexas
- a. na copa do:: ano... noventa... **nós descobrimo(s) que meu marido tinha Chagas** (Iboruna, AC-132; L. 15)
 - b. eu faço um omelete que fica muito gostoso... **parece que... as pessoa vai achá(r) que fica amargo** mas num fica... você pega jiló... jiló verde corta ele em fatias BEM fininha e depo/ você bate o o::vo né? (Iboruna, AC-103, L.378)
 - c. ANtes é bom **passá::(r) algum produto assim** que é pra fazê(r) esco::va... e:: depois um reparador de pontas assim pra assentá(r)... os fiozinho do cabelo (Iboruna, AC-044, L. 217/218)
 - d. que que custa a pessoa tomá(r) uma/ fazê(r) uma reunião... só que **o certo é o pai... e a e a... e a mãe í(r)** né? (Iboruna, AC-072, L. 599)

Para os tipos de dados em (1), propomos uma rede hierárquica organizada a partir do esquema mais geral [[[CONNECTIVO] ORAÇÃO₁] ORAÇÃO₂], que abriga micro-construções diversas, introduzidas por conectivo (como, por exemplo, *quando*, *caso*, *dado que*, *ainda que*, de (1a) a (1d)). Oriundas de diferentes fontes, a família construcional das adverbiais se organiza por elos de herança múltiplos. Já para os tipos dados em (2), a rede hierárquica proposta se organiza, também por relações de herança, a partir do padrão genérico [[ARGUMENTO SUJEITO] [PREDICADO]], que permite arranjar construções encaixadas em posição argumental tanto de objeto (como em (2a)) quanto de sujeito (como em (2b) e (2c)) ou mesmo em posição do próprio predicado, como é o caso de construções predicativas (como em (2d)). Outros tipos de construções completivas, como é o caso de relativas e de completivas nominais, organizam-se em redes próprias, ligadas a esquemas nominais e, por isso, não são consideradas aqui.

Os dados empíricos que sustentam nossa proposta provêm de duas bases de dados diferentes:

- (i) *Corpus do português*, disponível em <https://www.corpusdoportugues.org>, que reúne textos falados e escritos de gêneros variados e de diferentes sincronias e do qual extraímos dados apenas do português contemporâneo do Brasil e de Portugal (DAVIES, s.d.);
- (ii) *Banco de dados Iboruna*, disponível em <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>, composto de amostras de fala do interior paulista sociolinguisticamente organizadas (GONÇALVES, 2007).

O ineditismo da proposta que aqui apresentamos justifica seu caráter ainda exploratório e, por isso, nossas análises são de cunho essencialmente qualitativo, o que não significa deixar de reconhecer a importância do papel da frequência de uso na estruturação de padrões linguísticos.

Assumindo, então, a construção como unidade de análise que prevê o pareamento de forma e significado, justificamos nosso objetivo último de mostrar como construções complexas adverbiais e argumentais se organizam em redes conceituais próprias, em razão de, na abordagem construcional, pouca atenção ser dispensada a construções complexas resultantes de processos distintos de combinação de oração.

Apresentada, nesta seção introdutória, a proposta geral que aqui desenvolveremos, o artigo segue estruturado em três outras seções: na segunda seção, apresentamos as bases teóricas dos *Modelos Baseados no Uso*, sob as quais nossa proposta é erigida, com enfoque na Gramática de Construções; na terceira e quarta seções, centrais deste artigo, defendemos nossa proposta de rede de herança para construções complexas adverbiais e argumentais, organizada a partir de esquemas genéricos próprios. Arrematamos nossa proposta nas considerações finais, seguidas das referências.

2 A abordagem construcional nos *Modelos Baseados no Uso*

A proposta que aqui desenvolvemos tem suas bases teóricas assentadas nos chamados *Modelos Baseados no Uso* (MBU, daqui em diante), em especial na abordagem construcional. O rótulo MBU, empregado originalmente por Langacker (1987), abriga, hoje, uma corrente teórica que advoga que a língua é um sistema adaptativo complexo que exhibe, ao mesmo tempo, estrutura, variação e gradiência, e não deve, portanto, ser considerada produto acabado, mas sempre emergente do uso (BYBEE, 2016).

Segundo Barlow e Kemmer (2000), os *MBU* se movimentam em torno de oito princípios básicos, que seguem sumarizados em (3).

- (3) Princípios dos *Modelos Baseados no Uso* (Adaptados de Barlow e Kemmer (2000)).
- a. *Importância da frequência de uso*: a rotinização de uma unidade linguística afeta o modo de seu processamento; assim, a frequência de uso é tanto resultado quanto força de moldagem do sistema.
 - b. *Compreensão e produção integradas*: eventos de uso estruturam o funcionamento do sistema linguístico, não se admitindo separação entre estrutura e atos do processamento mental; a performance é parte de competência e, por isso, “erros de performance” conformam-se a normas em diferentes graus.
 - c. *Foco na experiência durante a aquisição da linguagem*: produção e compreensão linguísticas são significantes em fases de aquisição da linguagem, sendo desnecessário postular estruturas inatas, porque a criança abstrai padrões construcionais mais gerais do uso da língua.
 - d. *Emergência das representações linguísticas*: unidades linguísticas não são “estocadas” em qualquer localização neural particular, porque são sempre emergentes de rotinas cognitivas de padrões mentalmente ativados.
 - e. *Importância de dados de uso*: teorias linguísticas devem se pautar no que as pessoas efetivamente produzem e entendem, e não em intuições; *corpora* fornecem *insights* para questões linguísticas relevantes.
 - f. *Uso, variação sincrônica e mudança diacrônica*: quanto mais interagem, mais os usuários tendem à padronização da variação; o uso é locus de mudança, e o falante, fonte de micromudanças diacrônicas em seu próprio sistema e no de outros; em cada estágio da mudança, as mesmas motivações operam, afetando atos de percepção e de produção.
 - g. *Sistema linguístico e processos cognitivos gerais*: processos de abstração linguística não diferem dos que ocorrem em outros domínios cognitivos, porque a estrutura linguística é parte de estruturas conceituais.
 - h. *do contexto*: o significado não está na estrutura em si; contextos de uso influenciam todos os aspectos da língua e revelam complexa interação com representações cognitivas abstraídas da experiência.

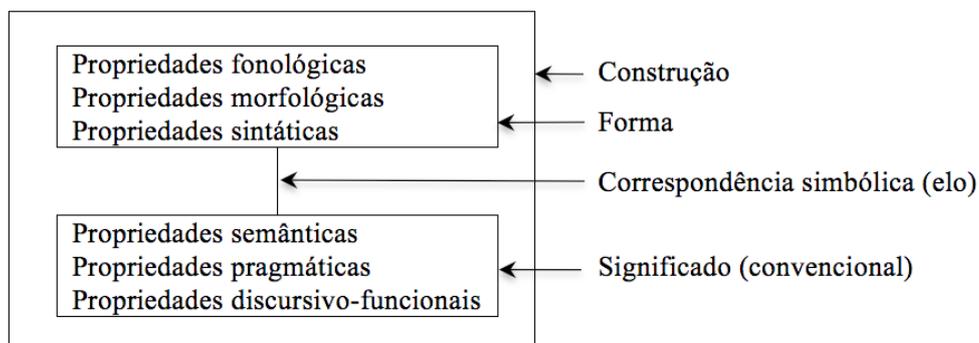
Esses princípios permitem entender como a dinâmica das línguas confere a elas estabilidade relativa, sem necessidade de postulação de regras fixas aplicáveis a qualquer situação de uso. Subjaz aos *MBU* a crença de que a relação entre a representação abstrata da gramática e os eventos de uso é muito mais direta do que o que se assume em outros

modelos de gramática. Sob tal concepção, o abstrato e o particular estão fortemente relacionados, na medida em que representações linguísticas mais gerais são gradualmente abstraídas da repetição de exemplares específicos. Assim, a relação entre padrões gerais, ou simplesmente *esquemas*, e suas realizações específicas traz consequências para a gramática das línguas, cujas unidades não são fixas, mas dinâmicas, porque estão sempre sujeitas à extensão criativa e são constantemente reformatadas com o uso.

Bybee (2016) considera que processos específicos às línguas podem ser mais bem compreendidos à luz de processos cognitivos mais gerais, tais como: *categorização* (representações com base em protótipos), *chunking* (sequências de processamento simples e automatizado), *memória enriquecida* (estocagem na mente de detalhes da experiência), *analogia* (criações com base em experiências prévias) e *associação transmodal* (elo entre experiências coocorrentes). Na construção de teorias linguísticas mais coerentes e econômicas, investigar a atuação desses processos sobre as representações linguísticas implica reconhecer que é possível “derivar a língua da não língua” (BYBEE, 2016, p. 196). Assim, os *MBU* rejeitam a autonomia da sintaxe e conjuga a semântica e a pragmática na análise da estrutura linguística.

É com base nesses princípios que os *MBU* assumem a *construção* como unidade de análise mais adequada para a representação morfológica e sintática, sem distinção entre léxico e gramática, pois o que se defende é que os usuários da língua armazenam padrões construcionais, e não informações lexicais individuais. A *construção* (de morfemas a, até mesmo, padrões textuais), definida como unidade simbólica e convencional da gramática, representa uma rotina consolidada, que, geralmente usada ‘de modo convencional’ na comunidade de fala, envolve associação transmodal (‘simbólica’) de forma e significado. A Figura 1, extraída de Croft (2001), explicita os tipos de propriedade que constituem o polo da forma e o polo do significado de uma construção.

Figura 1 - A estrutura simbólica de uma construção



Fonte: Croft (2001, p. 18; tradução nossa)

Como entidade teórica, a construção representa um esquema abstrato, capaz de reunir semelhanças entre construções menos esquemáticas de mesma natureza, tornando-se, assim, essencial para descrever padrões menos usuais, especialmente complexos, e padrões regulares, mais básicos, da língua, sem necessidade de derivação de um padrão a partir de outro. Generalizações podem ser captadas por traços de herança entre construções mais e menos esquemáticas, porque esquemas genéricos são abstraídos de padrões construcionais mais restritos (subesquemas) que, situados em pontos mediais da rede, sancionam padrões particulares de níveis mais baixos (GOLDBERG, 2003).

Como resultado da implementação desse modelo, a gramática tem de ser vista como uma estrutura relativamente flexível e instável, organizada a partir de padrões sociais de convencionalização e de princípios cognitivos gerais, destacando-se o papel das experiências corporificadas como base para o significado linguístico.

Traugott e Trousdale (2013), tratando de processos de mudanças linguísticas que levam a modificações em uma rede construcional, ou por *construcionalização* (formação na rede de novas construções com funções procedurais) ou por *mudança construcional* (alterações na forma e/ou no sentido de uma construção já formada), propõem a verificação dos seguintes parâmetros:

- (i) *esquematicidade*: abstração da construção a partir de exemplares específicos;
- (ii) *produtividade*: potencial de uma construção de atrair construções menos esquemáticas, via analogização;
- (iii) *composicionalidade*: derivação ou não do significado da construção de suas subpartes.

Os dois tipos de mudança previstos podem afetar os diferentes níveis construcionais de uma rede: o das *macroconstruções* (ou esquemas abstratos), que, reservado a esquemas altamente abstratos, é pouco suscetível à atração semântica de outras construções; o das *mesoconstruções* (ou subesquemas), que, por agrupar microconstruções com traços semânticos e sintáticos comuns, já pode atrair novas construções, por analogização; o das *microconstruções*, que, agrupando tipos de construções individuais alinhadas a mesoconstruções, mantêm suas idiosincrasias de forma e sentido, por conta de itens específicos recrutados na sua formação; e, o último nível, o dos *construtos*, que, é o lugar de representação de instâncias de uso responsáveis por qualquer tipo de inovação na rede mais ampla.

Resumidamente, os pressupostos mais gerais dos *MBU*, nos quais se assenta a proposta a ser desenvolvida neste artigo, são dados em (4):

- (4) Pressupostos gerais dos *Modelos Baseados no Uso*
- a. a **construção**, unidade básica de análise, é concebida como o pareamento convencional entre forma e significado;
 - b. a **gramática** é simbólica e está organizada em famílias de construções, ou em rede construcional;
 - c. a **rede construcional** está organizada em torno de diferentes subtipos de construções, com diferentes graus de esquematicidade, e que se ligam por elos de herança e elos relacionais;
 - d. nos processos de mudança construcional ou de construcionalização, é relevante apurar as seguintes propriedades das construções: **esquematicidade** (grau de abstratização de uma construção), **produtividade** (extensão de um esquema construcional e sua capacidade de gerar esquemas menos abstratos) e **composicionalidade** (grau de convencionalização do significado de uma construção).

3 Construções adverbiais complexas

Aqui assumimos que o significado circunstancial expresso nos modificadores oracionais não está vinculado a um único componente da oração, ou seja, esse significado não é totalmente mapeado a partir dos componentes da oração; ao contrário, **é resultado de processos inferenciais instaurados pela correlação de vários parâmetros** semântico-pragmáticos que resultam na convencionalização de inferências e implicaturas diversas.

No geral, conforme aponta Oliveira (2014), um primeiro fato que sustenta essa visão é a gramaticalização de conectivos com o significado procedural de estabelecer relação entre duas orações, significado que nem sempre se especializa na codificação de um único tipo de relação semântica como ponto final do processo de mudança. Essa autora mostra como, na verdade, há uma variada gama de conectivos que atuam na construção de relações semânticas diversas. Esse é o caso dos conectivos *desde que* e *dado que*, exemplificados nas ocorrências a seguir.

- (5) a. Mas, essa é outra mania do PT; dizem que topam **desde que o cabeça seja Lula**. (*Corpus do Português*: 19Or:Br:Intrv:Com)
= Condicional

- b. **Desde que o processo se iniciou**, o ex-ministro Ciro Gomes defende uma frente de centro-esquerda (*Corpus* do Português: 19Or:Br:Intrv:Com)
= Temporal
- (6) a. já era pretensioso no seu número de andares, ainda mais se mostra ser, **dado que uma coisa não supusesse a outra, no custo**. (*Corpus* do Português: 19:Fic:Br:Barreto:Urbana)
= Condicional
- b. O próprio Gabinete de Apoio Técnico viria a dar parecer negativo ao projecto, **dado que o edifício poderia « afectar o aspecto e a beleza da paisagem natural»**. (*Corpus* do Português: 19N:Pt:Beira)
= Causal

Em (5a) e (5b), nota-se que a distinção entre os significados de condição e tempo não pode ser inteiramente instaurado pelo conectivo *desde que*. O conectivo atua como um angulador, indicando uma situação cognitiva secundária em relação a um evento principal ao qual confere algum tipo de realce. As distinções entre condição e tempo nesses exemplos são resultado de um conjunto de fatores que licenciam traços dos significados nelas instaurados, tais como uso de tempos do subjuntivo, não-factualidade da relação causal e capacidade de predição da condicional (projeção de hipótese). O mesmo se nota em (6a) e (6b), em que a distinção entre condição e causa é resultado de inferências que se instauram a partir da correlação de fatores diversos, como os retromencionados.

Outra questão que se coloca para a análise de orações adverbiais é que os conectivos usados numa construção adverbial apresentam graus de composicionalidade bastante diferenciados, como é possível notar no confronto das ocorrências, a seguir, (7) e (8), respectivamente um par condicional e um par temporal:

- (7) a. **Se** não tiver um conteúdo para simular o olho, essa parte afunila (*Corpus* do Português: 19Or:Br:Intrv:Cid)
- b. **No caso em que as disposições vigentes autorizem o uso de um prospecto preliminar ou a realização de publicidade prévia à autorização**, o material deve explicar seu carácter preliminar. (*Corpus* do Português: 19Ac:Br:Enc)
= Condicional
- (8) a. **Quando fui conversar com D. Lucas Moreira Neves**, ele não tinha uma informação completa (*Corpus* do Português: 19Or:Br:Intrv:Cid)

- b. **No momento em que Clara colocou o pequeno na cama**, verificou que ele tinha febre. (*Corpus do Português*: 19:Fic:Br:Cardoso:Dias)
= Temporal

Nas ocorrências em (7b) e (8b), traços do significado do núcleo do conectivo (*caso* e *momento*, respectivamente) se correlacionam com fatores formais e semântico-pragmáticos para expressão do sentido de conjuntura/contingência característico de conectivos adverbiais. O *que* ocorre, em casos assim, é uma extensão metafórica desse significado nuclear, que deixa de indicar uma conjuntura específica/determinada e passa a indicar uma conjuntura aberta, não referencial. Esse é o gatilho para a inferência dos significados condicional e temporal expressos nesse tipo de construção. Diferentemente, nas ocorrências em (7a) e (8a), em que os conectivos *se* e *quando*, usados para introduzir a oração adverbial, são altamente não composicionais, não é mais possível decompor traços de seus significados para a construção dos significados de condição e de tempo expressos nessas orações. O mesmo ocorre com outros conectivos, nos quais ainda se verificam traços do significado do núcleo atuando para compor o significado adverbial que a oração por eles introduzidas manifesta. Conectivos como esses são parcialmente composicionais, já que traços de seu significado projetam parte do significado da construção. Estão nesse grupo conectivos como: *na condição em que*, *a fim de que*, *de modo que*, *de maneira que*, *antes que*, *depois que*, *à medida que*, *por causa (de) que*, entre outros.

Ainda, o significado expresso na oração adverbial não está vinculado a um único componente da oração. É o que Oliveira (2019a, 2019b) discute em sua análise de conectivos condicionais. Isso se nota, por exemplo, em conectores como *uma vez que* e *desde que*, que, sozinhos, não especificam o significado expresso pelas orações adverbiais que encabeçam. É o que mostram as ocorrências de (9a) a (9c), respectivamente uma oração causal, uma temporal e uma condicional.

- (9) a. As algas marinhas são o verdadeiro pulmão do mundo, **uma vez que produzem mais oxigênio pela fotossíntese do que precisam na respiração**. (*Corpus do Português*: 19Ac:Br:Enc)
= Causal
- b. Mas **uma vez que o tiroteio começava**, era tomado duma espécie de embriaguez. (*Corpus do Português*: 19:Fic:Br:Verissimo:Resto)
= Temporal

- c. garante que vai cumprir o mandato « até ao fim», **uma vez que seja eleito pelas « pessoas deste concelho.** (*Corpus* do Português: 19N:Pt:Beira)
= Condicional

Conectores como esses têm um significado procedural e sinalizam ao ouvinte a instrução para a construção de um espaço mental no qual se fundamenta o conteúdo da oração principal. Os significados de causa, tempo e condição emergem da correlação entre os vários elementos que compõem a construção. Conforme Oliveira (2019a, p. 8), casos como esses evidenciam que “o significado específico de causa, tempo, condição, concessão, modo, nem sempre estará associado unicamente ao conectivo”. Tal fato evidencia o significado não composicional da oração adverbial e corrobora a posição assumida aqui de tratá-la como uma construção.

Por outro lado, conectivos prototipicamente associados a um determinado domínio semântico podem ocorrer em relações de outra natureza. É o que notamos nos usos não prototípicos de *se* e *quando*, por exemplo. A ocorrência em (10a) caracteriza-se pela ausência de predição, traço básico do significado condicional, que diz respeito à capacidade da condicional de projetar uma situação futura (OLIVEIRA, 2019a). Assim, o significado condicional, no geral marcado por *se*, se enfraquece em razão de outros elementos da oração. Caso semelhante ocorre em (10b), em que se nota a projeção de uma hipótese – traço do significado condicional – agregada à moldura temporal que o conectivo *quando* prototipicamente indica (HIRATA-VALE, 2005).

- (10) a. Lá, **se tem uma briga**, o cinegrafista está no meio. (*Corpus* do Português: 19Or:Br:Intrv:Cid)
- b. **quando discordar**, venha discutir. (*Corpus* do Português: 19Or:Br:Intrv:Cid)

Considerando a discussão desses casos, o que para nós fica evidente é que o significado expresso em orações adverbiais não é totalmente mapeado a partir dos componentes da oração. Ou seja, não é possível associar cada traço de seu significado a elementos específicos da construção. Ao contrário, o significado nelas expresso é **resultado de processos** inferenciais e de implicaturas convencionalizados. Portanto, nos termos de Goldberg (2006), Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2013), o que estamos sugerindo é que o significado de orações adverbiais seja tratado como um significado convencional e não composicional, que se fixa na língua pela frequência com que o padrão construcional é

usado. A partir daí, modificadores oracionais podem, então, ser concebidos como uma construção não composicional, altamente esquemática e produtiva, como representamos abaixo, em (11), seguindo o modelo elaborado por Traugott e Trousdale (2013).

(11) Esquema geral de modificadores oracionais

[[CONNECT] [ORAÇÃO_i]] ⇔ [circunstância]

Nesse esquema geral, que abriga uma rede hierárquica de subesquemas e micro-construções, [[CONNECT] [ORAÇÃO_i]] representa a forma da construção adverbial e contém seus aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos; [circunstância] representa, de modo mais abstrato, o significado que, em níveis menos esquemáticos, pode assumir especificações semânticas diversas, tais como tempo, causa, condição, concessão, modo etc., como exemplificam as construções adverbiais apresentadas anteriormente em (1) e as mostradas em (12), em seguida, que se instanciam sob esse esquema geral.

(12) Instanciações do esquema [[CONNECT] [ORAÇÃO_i]] ⇔ [circunstância]

a. [[SE] ORAÇÃO_i] ⇔ [condição]

Se você não pode adotar crianças, como é que você vai formar uma família?
(*Corpus* do Português: 19Or:Br:Intrv:Cid)

b. [[QUANDO] ORAÇÃO_i] ⇔ [tempo]

Quando fui reunir o material, me surpreendi com a quantidade de matérias que escrevi. (*Corpus* do Português: 19Or:Br:Intrv:Com)

c. [[EMBORA] ORAÇÃO_i] ⇔ [concessão]

Na economia, **embora o plano não esteja totalmente solidificado**, não há a menor possibilidade de retrocesso. (*Corpus* do Português: 19Or:Br:Intrv:Com)

d. [[PORQUE] ORAÇÃO_i] ⇔ [causa]

É preciso no Brasil extinguir o imposto sindical, **porque ele é uma forma de tirar dinheiro do trabalhador**. (*Corpus* do Português: 19Or:Br:Intrv:Cid)

e. [[PARA] ORAÇÃO_i] ⇔ [finalidade]

na época em que a gente fazia os slides **para produzir os comerciais**. (*Corpus* do Português: 19Or:Br:Intrv:Cid)

Na família construcional das orações adverbiais ilustradas em (12), cada subesquema [[CONNECT] [ORAÇÃO_i]_{condição, causa etc.}] e suas respectivas microconstruções se organizam por

elos relacionais e de herança múltiplos, já que as orações adverbiais emergem de padrões extremamente variados. Primeiramente, orações adverbiais que tem a sequencialidade na base de seu significado (tais como causa, condição, tempo, finalidade, concessão e consequência) conceitualizam um cenário em que a realização ou não de uma dada situação projeta/leva a um conjunto de resultados possíveis, indicando que a realização da situação principal está, de algum modo, atrelada à realização da situação de circunstância. Representamos essa conceitualização na Figura 2:

Figura 2 - Conceitualização do esquema $[[[\text{CONNECT}] [\text{ORAÇÃO}_i]]] \Leftrightarrow [\text{circunstância}]$



Fonte: Dos autores.

A conceitualização de trajetória no espaço, representada no esquema em (12) pelo movimento de um ponto A a um ponto B, é prototipicamente designada por verbos de movimento. No caso da emergência de orações adverbiais, essa conceitualização de movimento indicando trajetória é projetada para o campo das ideias, em que se movimenta de um argumento A (ORAÇÃO_i) para chegar à conclusão de um argumento B (ORAÇÃO_j), conforme esquema em (13), a seguir.

- (13) Representação da projeção do esquema de movimento no esquema adverbial
 $[[[[\text{CONNECT}] [\text{ORAÇÃO}_i]]] [\text{ORAÇÃO}_j]] \Leftrightarrow [\text{SEM: X LEVA Y}]$

Em complexos oracionais, há uma tendência de interpretar sua estrutura como icônica à ordem dos eventos ou das etapas da organização cognitiva que eles codificam (HAIMAN, 1980). Nesse sentido, a ordem dos segmentos envolvidos reflete cognitivamente uma sequência narrativa, e, por isso, a sequencialidade está fortemente ligada aos significados que orações adverbiais expressam. Assim como na conceitualização de trajetória no espaço, orações adverbiais sempre indicam um ponto A a partir do qual se infere ou conclui um ponto B e, desse modo, a noção de movimento no espaço está metaforicamente presente nesse tipo oracional. A sequencialidade é, portanto, um fator essencial na interpretação desses complexos oracionais: essas orações podem ser caracterizadas como

a conceitualização de “situar coisas uma depois da outra”, já que o que é contingente para a validação/especificação de algo deve vir antes da situação resultante.

O esquema [[CONNECT] [ORAÇÃO_i]] herda ainda traços da semântica de modificação dos advérbios, já que atua como uma espécie de modificador da oração ([ORAÇÃO_j]), indicando a circunstância que especifica/realça/determina sua ocorrência/validade/adequação pragmática. Dentre esses, há um conjunto que herda propriedades funcionais dos advérbios construtores de espaços mentais, já que, à semelhança desses, funciona como angulador do discurso, criando espaços alternativos a partir dos quais outros espaços se abrem. Tomemos como exemplo as ocorrências em (14):

(14) Construções adverbiais construtoras de espaço mental

- a. [[[Desde que]_{CONNECT} [o próprio Lula esteja convencido de que o meu nome se adequa à disputa]_{ORAÇÃO_i}], [não só para substituí-lo]_{ORAÇÃO_j}]. (*Corpus do Português*: 19Or:Br:Intrv:Tar)
- b. [[[Caso]_{CONNECT} [o meu nome unifique o partido e esta definição ocorra até agosto]_{ORAÇÃO_i}], [poderei examinar o assunto com tendência a aceitar]_{ORAÇÃO_j}]. (*Corpus do Português*: 19Or:Br:Intrv:Tar)

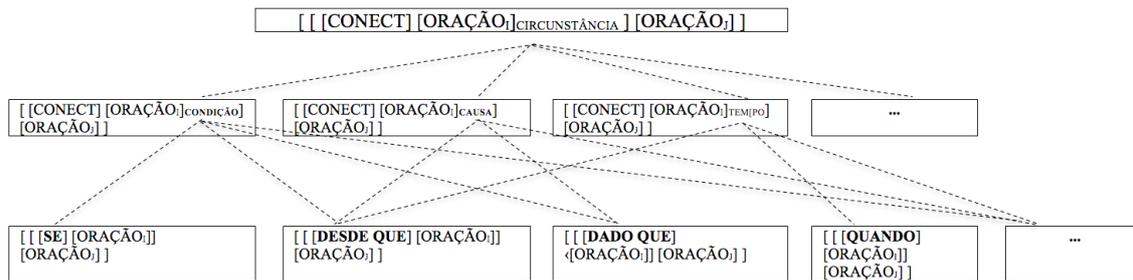
Nessas ocorrências, as microconstruções marcadas por *desde que* e *caso* orientam o ouvinte a construir um espaço mental no qual, a partir de um espaço base, outros espaços mentais podem ser construídos. Esse é o caso de modificadores oracionais de tempo, causa, concessão, condição e consequência. Assim, à semelhança da relação de modificação adverbial, os modificadores oracionais também se generalizam a partir da estrutura núcleo-modificador mostrada em (15), que vem em seguida.

(15) Esquema genérico das construções adverbiais

[[[CONNECT] [ORAÇÃO_i]] [ORAÇÃO_j]] ⇔ [SEM: X especifica Y]

O esquema [[CONNECT] [ORAÇÃO_i]] abstratiza um padrão geral altamente esquemático que sanciona diversos subesquemas parcialmente especificados, contendo um *slot* [CONNECT] preenchido pelo tipo de conector apropriado e um *slot* [ORAÇÃO_i] para um padrão de colocação [ORAÇÃO_j] relativamente amplo, podendo assumir formas variadas de orações finitas ou não-finitas, declarativas, imperativas ou interrogativas. A Figura 3 a seguir exemplifica como se configura a representação da rede conceitual de construções adverbiais complexas.

Figura 3 - Taxonomia de construções adverbiais complexas



Fonte: Dos autores.

Exemplos de análise de construções adverbiais que demonstram bem a validade da proposta aqui defendida podem ser encontrados em Kortmann (2000), para concessivas e causais; em Rosário e Acosta (2018), para o caso das correlativas; em Oliveira (2019a, 2019b), para o caso específico das orações condicionais; dentre outros.

4 Construções argumentais complexas

Como deve estar claro até este ponto, o princípio da motivação evidencia o funcionamento relacional do sistema linguístico, por meio do qual um padrão construcional sintático-semântico predominante estrutura diversos outros. Em termos de estrutura argumental, um esquema genérico do tipo mostrado em (16), independentemente da ordenação e complexidade estrutural interna de suas subpartes, motiva uma ampla rede de construções argumentais, tanto simples quanto complexas, como pretendemos argumentar, com base em Goldberg (1995, 2003).

(16) Esquema genérico de estrutura argumental

$$[[ARG(umento)] [PRED(icado)]_{ORACÃO}] \Leftrightarrow [SEM.: X predica sobre Y]$$

Importante destacar que, no esquema do padrão genérico, a subparte [PRED] pode ser internamente expandida, a depender da natureza sintático-semântica do predicado que constitui seu núcleo, implementando, na língua, diferentes tipos de construções argumentais, tais como construções intransitivas, (di)transitivas, predicativas etc.

A partir do esquema genérico dado em (16), interessa-nos mostrar como construções argumentais simples e complexas se implementam, mantendo entre si relações de herança explicativas da formação de construções complexas, foco de interesse neste momento. Comparemos, inicialmente, os dois conjuntos de construções em (17) e (18),

com atenção para os constituintes que aparecem destacados:

(17) Construções argumentais simples

- a. [[meu quarto]_{SUJ} [é simples]_{PRED}]. (Iboruna, AC-028, L. 82)
- b. [[eu]_{SUJ} [visitava muita agência]_{PRED}]. (Iboruna, AC-051, L. 45)
- c. [[diferente]_{PRED} [a cultura deles]_{SUJ}]. (Iboruna, AC-094, L. 133)
- d. [[chegou]_{PRED} [a hora do almoço]_{SUJ}]. (Iboruna, AC-08, L. 16)

(18) Construções argumentais complexas

- a. [[ele]_{SUJ} [ficô(u) sabendo [que [[eu]_{SUJ} [tinha me separado]_{PRED}]]]_{PRED}]. (Iboruna, AC-076, L.10)
- b. [[você]_{SUJ} [precisa de [[∅]_{SUJ} [fazê(r) isso daqui... um ultrassom]_{PRED}]]]_{PRED}]. (Iboruna, AC-140, L. 76]
- c. tê(r) uma panelinha de ferro ... [[parece]_{PRED} [que [[o sabor]_{SUJ} [é o(u)tro]_{PRED}]]]_{SUJ}]. (Iboruna, AC-140, L. 352)
- d. o médico achô(u) que [[seria bom]_{PRED} [[o depoimento do paciente]_{SUJ} [saí(r) na internet]_{PRED}]]]_{SUJ}]. (Iboruna, AC-152, L. 75)
- e. [[o incrível]_{SUJ} [é [que [[ela]_{SUJ} [não ficô(u) com medo]_{PRED}]]]_{PRED}]. (Iboruna, AC-062, L. 167)

Dentre esses diferentes tipos de construções, o esquema [[ARG (Suj)][PRED]] pode ser considerado o padrão genérico mais produtivo que motiva, por relação de herança, os padrões construcionais de construções simples ((17)) e construções complexas encaixadas ((18)). A contraparte semântica da construção sustenta-se sempre em uma relação de predicação, estruturada, sintaticamente, por recurso a uma estrutura argumental apropriada, definida por propriedades sintático-semânticas de tipos apropriados de predicado.

Em (17), podemos reconhecer, para a estrutura que cumpre a função de [PRED], naturezas categoriais distintas: verbal, como em (17b) e (17d) (*visitar* e *chegar*, respectivamente), ou não verbal, como em (17a) e (17c) (*simples* e *diferente*, respectivamente). O mesmo se verifica para o caso das construções complexas em (18), que se organizam em torno de predicado tanto verbal, como em (18a), (18b) e (18c) (*saber*, *precisar* e *parecer*,

respectivamente), quanto não verbal, como em (18d) e (18e) (*bom* e *ficar com medo*, respectivamente). É a natureza semântica do [PRED] que determina o número de constituintes que com ele forma a estrutura mais ampla da construção. O certo é que, qualquer que seja o nível de complexidade oracional, o esquema de predicação se sustenta na relação argumental entre as subpartes da construção.

Em (18), a instanciação das construções complexas, a partir do esquema geral [[ARG Suj][PRED]], requer que se reconheça também a complexidade sintático-semântica da subparte que exerce a função de [PRED] e de [ARG Suj], o que significa que essas subpartes do esquema genérico podem se realizar morfossintaticamente como constituinte simples ou complexo, mas alguma delas apresentará necessariamente uma estrutura morfossintaticamente complexa. Em (18a), (18b) e (18e), a subparte [ARG Suj] manifesta-se morfossintaticamente como constituinte simples, enquanto a subparte [PRED] mais ampla manifesta-se como constituinte complexo, como evidencia, em (19) a seguir, o contraste entre uma construção simples e uma complexa, a exemplo das já dadas em (17) e (18).

(19) Nível de complexidade estrutural da subparte [PRED]

- a. [[eu]_{SUJ} **visitava** [**muita agência**]_{SN}]_{PRED}
b. [[ele]_{SUJ} **ficô(u) sabendo** [**que** [[eu]_{SUJ} **tinha me separado**]_{PRED}]_{ORACÃO}]_{PRED}

Em (19), a complexidade estrutural da subparte [PRED] diz respeito ao modo como o argumento interno ao predicado verbal se realiza morfossintaticamente: em (19a), como um argumento simples, codificado como um [SN] (*muita agência*), ao passo que, em (19b), como um argumento oracional, estruturado por recurso à predicação encaixada que se forma com base no esquema [[ARG Suj][PRED]], que se repete. De natureza um pouco diferenciada são os casos de construções complexas predicativas que se instanciam na própria posição de predicado, como revela o contraste mostrado em (20), a partir das construções simples e complexa dadas em (17a) e (18e).

(20) Nível de complexidade estrutural de construções em posição de [PRED]

- a. [[meu quarto]_{SUJ} [é [**simples**]_{ADJ}]_{PRED}]
b. [[o incrível]_{SUJ} [é [**que** [[ela]_{SUJ} **não ficô(u) com medo**]_{PRED}]_{ORACÃO}]_{PRED}]

estendem e passam a servir à codificação de entidades complexas de ordem superior, tais como como *estado-de-coisas* e *proposições*, sobre as quais se predicam. Já no segundo caso, a extensão metafórica envolve não entidades, mas propriedades a elas atribuídas que, na construção simples, são representadas por predicadores não verbais (como por exemplo, adjetivos predicativos); assim, as mesmas entidades de ordem superior passam a ser compreendidas como propriedades aplicáveis a [ARG Suj] abstrato, originado de predicados não verbais, restabelecendo assim, em construção inversa, a relação semântica “X predica sobre Y”³

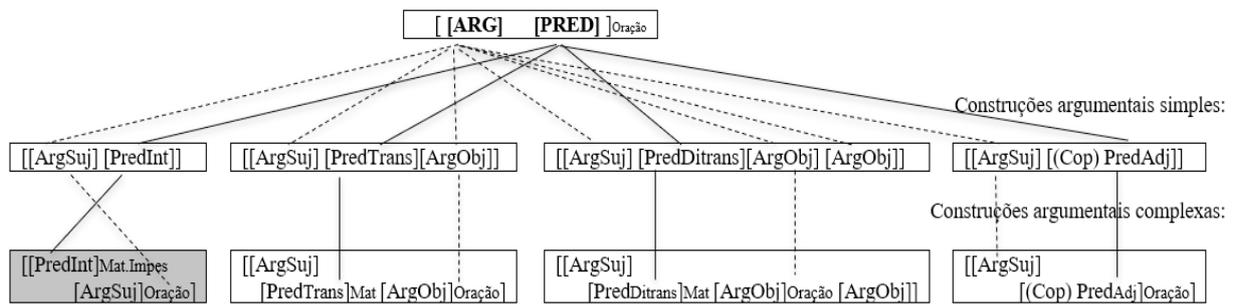
Nas construções complexas contrastadas em (19), (20) e (21), a ordenação das subpartes é fator que diferencia as construções simples e complexas, mas que, por razões estruturais, também as aproximam, uma vez que constituintes complexos tendem a se posicionar ao final da construção, independentemente da sua codificação estrutural, se como [ARG Suj] ou como [PRED].

Também fatores de ordem pragmática, como informatividade e topicalidade, podem promover alteração no modo de arranjo das subpartes no interior da construção, como é o caso das construções simples exemplificadas anteriormente em (17c) (*diferente a cultura deles*) e (17d) (*chegou a hora do almoço*), cujos sujeitos ocorrem pospostos aos predicados: no primeiro caso, por questão de ênfase sobre a própria informação codificada no predicado, e no segundo caso, pela informatividade do sujeito, que é apresentado como informação nova.

As propriedades de ordenação assumem relevância apenas na explicação do desvio do padrão do esquema genérico, mas não como fator que coloca as construções argumentais complexas como instâncias de padrões genéricos diferenciados. Isso significa dizer que qualquer que seja a subparte que manifeste estrutura complexa na construção mais ampla, se [ARG Suj] ou se [PRED], a manifestação do mesmo esquema genérico [[ARG] [PRED]] é sempre reconhecível, conforme mostra, a seguir, a configuração da rede de construções argumentais dada na Figura 4, que toma por base a taxonomia construcional de construções argumentais simples proposta por Croft (2001) e também assumida por Trousdale (2008).

³ Ontologicamente, a entidade *indivíduo*, como de 1ª ordem, só pode ser avaliada pela sua existência, dadas suas propriedades perceptuais relativamente estáveis no espaço e no tempo; entidade *estado-de-coisas*, de 2ª ordem, ocorre no espaço e no tempo e só pode ser avaliada em termos de sua realização, por referir eventos; *proposição*, como entidade de 3ª ordem, por referir construto mental, não tem localização espaço-temporal e só pode ser avaliada em termos de verdade/falsidade (LYONS, 1977). Enquanto entidades de 1ª ordem só podem ser codificadas por expressões nucleadas por nome; entidades de 2ª e 3ª ordens podem ser codificadas tanto por nomes quanto por predicação de natureza argumental (CAMACHO et al., 2014).

Figura 4 - Taxonomia expandida de construções argumentais em rede



Fonte: Dos autores.

Conforme se observa na figura, a rede de construções argumentais é estruturada em três níveis:

- (i) o esquema genérico $[[ARG] [PRED]]_{oração}$ é lexicalmente aberto e determina a regularidade do sistema, por constituir uma abstração das construções de nível mais baixo; suas subpartes $[ARG]$ e $[PRED]$, como construções independentes, estabelecem entre si relação semântica de predicação;
- (ii) o segundo nível abriga subesquemas com menor grau de esquematicidade, para dar conta dos diferentes tipos de construções argumentais simples (intransitiva, transitiva e predicativa); a construção $[PRED]$ determina a estrutura argumental da construção oracional mais ampla pela função que tem de predicar sobre a construção $[ARG]$; as construções $[ARG\ Suj]$, $[ARG\ Obj]$ e $[PRED]$ podem ainda ser especificadas por construções sintagmáticas lexicalmente abertas;
- (iii) no último nível, se situam as construções argumentais complexas, com grau menor de esquematicidade, em relação às construções do nível anterior, porque as subpartes $[ARG\ Suj]$, $[ARG\ Obj]$ ou mesmo $[Pred]$ com função predicativa são construções oracionais, que, recursivamente, se instanciam obedecendo-se a algum subesquema do nível imediatamente anterior.

A história de predicados particulares diacronicamente atestada sanciona, ainda que parcialmente, a taxonomia apresentada na Figura 4, na medida em que construções argumentais simples, por processo de analogização e abstratização metafórica, ou da subparte $[ARG]$ ou da subparte $[PRED]$, expandem a rede para o terceiro nível, de modo a incluir construções argumentais complexas, típico caso de mudança construcional implementado por alterações na forma e no significado das subpartes de construções argumentais. É o

que comprovam trabalhos como o de Gonçalves (2003), sobre a gramaticalização de três de diferentes tipos de predicados, *achar*, *crer* e *parecer*; o de Casseb-Galvão (1999), sobre a gramaticalização do predicado *achar*; e o de Lima-Parreira (2018), sobre a gramaticalização de construções não verbais encaixadas no verbo *achar*. Em todos eles, os autores comprovam que construções complexas com esses predicados emergem de construções argumentais simples. Enquanto o predicado *parecer* expande a *slot* [ARG Suj], os demais predicados expandem o *slot* [ARG Obj], em decorrência da abstratização de significado dos próprios predicados matrizes, que, de usos concretos (*achar* = encontrar; *crer* = crença em algo; *parecer* = aparição), passam a codificar atitudes proposicionais (modalidade epistêmica).

Por fim, na configuração da rede, construções simples e complexas correspondentes herdam traços semânticos da relação de predicação representada no nível esquemático mais alto; traços de herança entre os dois níveis mais baixos se verificam em relação aos mesmos tipos sintático-semântico de predicado das construções; e, em relação à equivalência funcional, nos diferentes tipos de construção, entre subpartes construídas como sintagma e subpartes construídas como oração.

Um bom exemplo de análise de construção argumental complexa que sanciona a rede taxonômica proposta nesta seção é a empreendida em Gonçalves (2019), que trata especificamente de construções complexas subjetivas, aqui não detalhada por questão de espaço e dos objetivos do artigo.

E para concluir...

Com base nas análises mostradas nas seções precedentes, postulamos, para as construções adverbiais complexas, a participação em uma ampla rede de herança baseada na analogização. Nelas, a extração de propriedades formais/funcionais de um domínio fonte e a projeção para um domínio (mais) abstrato se reforçam mutuamente, fazendo emergir novos esquemas e subesquemas construcionais e, assim, novas representações abstratas. Devido à natureza contínua desse processo, assumimos que as redes estão em constante mudança e reconfiguração. Especificamente, argumentamos que:

- (i) a construção adverbial [[CONNECT] [ORAÇÃO_i]] é altamente esquemática e se generaliza a partir de padrões múltiplos, já que orações adverbiais compartilham traços semânticos e formais com construções diversas, participando, assim, de diversas redes;
- (ii) a família construcional das orações adverbiais deve ser explicada a partir de elos de herança múltipla e de elos relacionais, em especial os elos de extensão metafórica e polissemia;

- (iii) o esquema [[CONNECT] [ORAÇÃO₁]] é analisado a partir do padrão modificador-núcleo, que explica também a modificação adverbial.

Para as construções argumentais complexas, postulamos participação em uma ampla rede de herança de construções argumentais, assim definida:

- (i) a construção [[ARG] [PRED]], padrão genérico da rede, é lexicalmente aberta e determina a regularidade do sistema; suas subpartes estabelecem entre si uma relação semântica de predicação, traço funcional de herança que se mantém nos esquemas construcionais de níveis mais baixos;
- (ii) construções argumentais complexas são de nível esquemático inferior ao nível de construções argumentais simples, em razão da configuração morfosintática complexa de suas subpartes;
- (iii) também tornam assimétricas as construções complexas em rede, propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas de suas subpartes, tais como posição argumental da construção encaixada (Sujeito ou Objeto), tipos semânticos de predicados e distribuição de informação da própria subparte e de seus constituintes internos.

Dado seu caráter mais amplo, ao considerar construções complexas de dois diferentes tipos, esta proposta requer ainda aprofundamento na consideração de outros tipos de complexos oracionais. Por ora, o que podemos assegurar é que a abordagem construcional se comprova adequada para o tratamento de construções complexas adverbiais circunstanciais e construções complexas argumentais, o que nos parece suficiente, a princípio, para estender sua adequação também a outros tipos específicos, dentro de uma proposta mais unificada.

Referências

ANTONIO, Juliano Desiderato. *Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português*. 2004. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne. Introduction: a usage-based conception of language. In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne. (Ed.). *Usage based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 7-25.

BISPO, Edvaldo Balduino. Relativa restritiva em perspectiva construcional. *Revista EntrePalavras*, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 28-44, 2018.

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha; Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CAMACHO, Roberto Gomes; HATTNER, Marize Mattos Dall'Aglio; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. O substantivo. In: ILARI, Rodolfo. (Org.). *Palavras de classe aberta*. Gramática do português falado culto no Brasil. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. v. III. p. 13-56.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização?* 1999. 159 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

CEZARIO, Maria Maura; SILVA, Thiago dos Santos; SANTOS, Monique dos. Formação da construção [X que]conec no português. *E-escrita*, Nilópolis, v. 6, n. 3, p. 229-243, 2015.

CROFT, William. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DAVIES, Mark. *Corpus do português*. [s.d.]. Disponível em <https://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 11 nov. 2019.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CHAVES, Aline dos Santos Silva. A construção SN+V+SN NU e o processo cognitivo de chunking. *Odisseia*, Natal, v. 4, n. esp., p. 62-88, 2019.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago of University Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, Amsterdã, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade*. 2003. 240 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. 2007. Disponível em <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 20 set. 2019.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Posição de sujeito e objeto em construções complexas subjetivas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 12, n. esp., p. 192-215, 2016.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Construções complexas no português sob perspectiva construcional. In: BISPO, Edvaldo Balduino; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. (Org.). *Pesquisas contemporâneas em Descrição do Português*. Niterói: GT Descrição do Português/Anpoll, 2018a. p. 89-122. Disponível em: <https://descricaodoportugues.blogspot.com/p/obra.html>. Acesso em: 12 dez. 2019.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Construções de alçamento no PB e restrições morfossintáticas. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. (Org.). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: Editora da UFRN, 2018b. p. 251-283.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Construções complexas em rede. In: CARVALHO, Cristina et al. (Org.). *Sociolinguística e funcionalismo: vertentes e interfaces*. Salvador: Eduneb, 2019 No prelo.

HAIMAN, John. The iconicity of grammar: isomorphism and motivation. *Language*, Washington, v. 56, n. 3, p. 515-540, 1980.

HALLIDAY, Michael A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward, Arnold Publishers, 1985.

HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes. *A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático*. 2005. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KORTMANN, Bernd. (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

LIMA-PARREIRA, Ana Caroline de. *Investigação diacrônica de construções complexas formadas por [[achar] + [predicação não verbal]]*. 2018. 194 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MANN, Willian; THOMPSON, Sandra A. Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization. *Text*, Berlin, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

MATHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. (Ed.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

NEVES, Maria Helena de Moura; BRAGA, Maria Luiza. Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição. *Revista DELTA*, São Paulo, v. 14, n. esp., p. 191-208, 1998.

OLIVEIRA, Taísa Peres de. Conjunções adverbiais no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 45-66, 2014.

OLIVEIRA, Taísa Peres de. A construção condicional em português. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 2, n. 38, p. 1-19, 2019a.

OLIVEIRA, Taísa Peres de. As bases conceituais dos conectores condicionais em português. *Odisseia*, Natal, v. 4, n. esp., p. 194-210, 2019b.

OLIVEIRA, Taísa Peres de; HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes. A condicionalidade como zona conceitual. *Revista DELTA*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 291-313, 2017.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; ACOSTA, Jovana Maurício. Inventário dos correlatores disjuntivos do Português do Brasil. *CONFLUÊNCIA*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 67-89, 2018.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; CAMPOS, Daniele Cristina. Construções correlatas substitutivas contrastivas - uma análise funcional centrada no uso. *Odisseia*, Natal, v. 4, n. esp., p. 154-172, 2019.

TABOADA, Maite. *Building Coherence and Cohesion: Task-Oriented Dialogue in English and Spanish*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004.

THOMPSON, Sandra A; LONGACRE, Robert E. Adverbial Clauses. In: SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 372-420.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, Graeme. Words and constructions in grammaticalization: the end of the impersonal construction. In: FITZMAURICE, Susan; MINKOVA, Donka. (Ed.). *Studies in the History of the English Language: empirical and analytical advances in the study of English language change*. Berlin/N.Y: Mouton de Gruyter, 2008. v. IV. p. 301-326.



Data de submissão: 13/12/2019

Data de aceite: 29/04/2020